

AS FORMAS DE COMUNICAR EM ALFREDO CHAVES, CIDADE CAPIXABA CONSIDERADA “QUASE DESERTO” DE NOTÍCIAS

Rita Benezath
Mestranda do curso de Pós-Graduação em
Comunicação e Territorialidades
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
E-mail: benezath.rita@gmail.com

Orientador(es): Prof^a Dr^a. Ruth Reisc
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
E-mail: ruthdosreis@gmail.com

RESUMO

Apresentamos os resultados de uma pesquisa de campo na cidade de Alfredo Chaves, localizada na Microrregião Litoral Sul do Espírito Santo. No município, o único veículo de comunicação é uma rádio comunitária. Em entrevista em profundidade com os fundadores, mapeou-se, como característica de um veículo comunitário, que não há jornalistas na execução da rádio. Sendo assim, para investigar de que forma os moradores do interior obtém informação, realizou-se uma pesquisa documental, além de um grupo focal com moradores do interior e centro da cidade, com faixa etária de 18 a 35 anos. Procuramos identificar as formas alternativas encontradas para a criação de redes de informação sobre a atualidade, visto que a comunicação precisa se desenvolver de alguma forma, já que, na cidade analisada, já se vive há anos sem cobertura jornalística local. Bem como, entre outros objetivos, compreender de que maneira e com quais critérios as pessoas que vivem na cidade alfredense validam a confiabilidade das informações que circulam a nível local.

Palavras-chave: Jornalismo. Informação local. Grupo focal.

INTRODUÇÃO

Território, poder e informação estão interligados e o jornalismo tem sido um dos instrumentos que promovem a circulação de informações constituindo uma esfera pública, na qual é possível instituir uma agenda de temas comuns e visões sobre os mais diversos assuntos. Em muitas cidades, principalmente naquelas afastadas das sedes dos conglomerados de mídia, não há cobertura jornalística, emerge a indagação sobre as formas como se processo o circuito de

informação e como se institui a comunicação.

O Instituto para Desenvolvimento do Jornalismo (Projor), propõe o conceito de deserto para esses territórios destituídos de sistemas jornalísticos de circulação de informações e, em sua pesquisa denominada Atlas de notícias mapeia classifica, em todo o Brasil, as situações de deserto e de quase deserto de notícias. A primeira designa aquelas cidades que não têm nenhuma estrutura formal (seja rádio, TV, site ou impresso) e o segundo aquelas que detêm até dois veículos jornalísticos. A pesquisa que estamos desenvolvendo toma essa classificação como base para indagar como se processa a comunicação nos territórios desatendidos por sistemas jornalísticos tradicionais (aqueles formados por empresas ou organizações dedicadas a este fim) e discutir se é sustentável a perspectiva do Projor de que a redução ou ausência de cobertura jornalística afeta negativamente a cidadania.

A cidade de Alfredo Chaves foi escolhida para análise neste momento. O Projor a considera “quase deserto de notícia”, identificando apenas uma rádio comunitária. Em nossa investigação, buscamos verificar mais de perto a fim de compreender a experiência comunicacional de Alfredo Chaves. Realizou-se uma pesquisa de campo, adotando metodologia que mescla a pesquisa documental e grupo focal com moradores do município, buscando, entre outros objetivos, identificar as alternativas encontradas para criação de redes de informação sobre a atualidade na região. Outro objetivo foi investigar as formas de validação e aferição de confiabilidade das informações que circulam em nível local.

Neste mundo de abundante e constantes atualizações dos fatos, também observa-se a crise vivida no jornalismo e a falta de cobertura local em certos territórios, que precisam recorrer a outras mídias para serem ouvidos. Portanto, buscamos compreender de que forma o novo ecossistema, de redes sociais e internet, impacta no consumo e produção de informação também no interior.

DESENVOLVIMENTO

Dois conceitos rondam as discussões de territorialidades: espaço e território. Para Raffestin (1993, p.160), o território existe a partir da produção social realizada no espaço e “territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível”. O território é, sobretudo, disputa de poder. Outro conceito que se conecta a esses é o de cidadania,

entendida como junção dos direitos sociais, políticos e civis (Raquel Paiva e Leandro Carmelini (2019), importante para a organização social de uma comunidade, país ou nação.

No viés da comunicação, o jornalismo se interliga à cidadania por meio do direito à informação, originado da liberdade de expressão, como defende Soares (2011, p.24): “Entre os direitos da cidadania, o acesso à informação é aquele que dá acesso aos demais direitos, entendidos como ‘direitos-fim’”. Essa possibilidade pela capacidade do jornalismo de constituir uma esfera pública midiaticizada, na qual são debatidas questões referentes a uma coletividade que influenciam a opinião pública. O jornalismo é também, potencialmente, capaz de prover uma coletividade de conhecimento das informações básicas para o exercício dos direitos de cada um. No entanto, a presença de um veículo de comunicação local não significa que o acesso às informações será assegurado plenamente. Muitas vezes, o jornalismo atua em favor de segmentos sociais específicos, em geral os que agregam maior poder de força e influência, como as classes sociais médias e empresariais.

Outro ângulo relacionados aos direitos e à cidadania, que mais recentemente vem sendo apontado, é o direito à comunicação e não somente à informação. Ou seja, o direito do indivíduo não ser apenas receptor, mas emissor, sendo as mídias sociais digitais facilitadoras neste sentido. Além disso, esse direito é um dos passos para assegurar a multiplicidade de vozes, embora isto não seja sempre observado nos meios tradicionais. Para Reis, este ecossistema traz novos atores, novas bandeiras e novas lutas. “A luta pelo direito à comunicação nesse novo cenário reparece no ativismo dos movimentos, nas comunidades de software livre e gratuito, nos centros de mídia independentes” (REIS, 2011, p.11).

Em localidades onde não existe esse jornalismo, a necessidade de criar e manter vínculos sociais é substituída por outros recursos promovidos pela coletividade, sejam eles proporcionados pelo contato comunicacional direto ou mediados por instrumentos de comunicação. As mídias digitais contribuem para descentralizar o poder dos veículos de comunicação tradicionais – quanto para ressignificar o campo do jornalismo, que passa a incorporar os recursos destas e incrementa a possibilidade de surgimento de novos atores produtores de informação (estritamente jornalística ou não), por meio de sites independentes, de propriedade individual ou comunitária, de perfis e páginas nas plataformas de redes sociais ou por meio de trocas individuais ou em grupos, nos aplicativos de mensagens. “Esse amplo processo de desintermediação também está alterando a esfera pública e a política em geral” (SILVEIRA, 2009, p.70). Nas redes sociais, esta estrutura de poder da informação por parte da mídia foi

descentralizada, pois a informação é gerada de todas as partes.

RESULTADOS

O município escolhido para esta análise tem 14.636 habitantes e está distante 81 km de Vitória, se configura como cidade pequena pelo critério do IBGE (até 50 mil habitantes), afastada do conglomerado de mídia da Capital, e se enquadra como “quase deserto de notícias”, segundo critérios do Atlas de Notícias. Localizado na Microrregião Litoral Sul, o município é conhecido pelo turismo, tendo como atrações a rampa de voo livre, a Festa da Banana, a Cachoeira de Matilde, e a Estação Ferroviária de Matilde. Esta última foi inaugurada em 1902, como forma de fazer com que a produção de café na cidade chegasse mais rápido aos portos, mas também “revolucionou a comunicação do interior do município” (PESSALI, 2015, p.17). A atividade econômica do município gira em torno da agropecuária, que ocupa 53,5% dos moradores (INCAPER, 2020). O Produto Interno Bruto (PIB) se compõe da agropecuária (24,2%); indústria (19,8%); serviços (35,2%) e administração, defesa, educação e saúde (ambas públicas) e seguridade social (20,8%) (IBGE – Cidades, 2017). Em visita presencial ao município, nos dias 28 e 29 de junho de 2021, buscou-se observar os espaços públicos da cidade e conhecer as formas de comunicação. Outro objetivo foi conhecer e convidar individualmente moradores da cidade a participarem do grupo focal, uma das metodologias desta pesquisa. O grupo foi realizado de forma virtual, na mesma semana, a fim de cumprir os protocolos de distanciamento social vigentes na data em decorrência da pandemia de Covid-19.

Segundo o Atlas da Notícia (PROJOR, 2020), há registro de uma rádio e uma televisão na área urbana do município. Conforme mapeado por nossa pesquisa, só existe de fato uma rádio comunitária. Alfredo Chaves já teve um jornal impresso, *O Imparcial*, que circulou pela primeira vez em janeiro de 1909 (PESSALI, 2015) e se extinguiu em data ainda indefinida. No final da década de 90, existia uma rádio ligada ao grupo Band, que transmitia notícias de São Paulo e também não se faz mais presente na região. A rádio comunitária existente no município não abrange toda a sua extensão territorial, com maiores dificuldades em territórios montanhosos, mas com conexão à internet, é possível ouvi-la. A rádio tem como foco as programações musicais, anúncios do poder público e campanhas de doação da cidade, além de não ter setor de jornalismo. Em mapeamento feito por esta autora, foi encontrado o site na web e aplicativo para telefone celular *Aki Acontece*, voltado para a divulgação do comércio local e do turismo, também sem caráter jornalístico. Embora a TV Gazeta, localizada em

Vitória, também transmita o sinal para o município – e se coloca o principal veículo de comunicação em audiência na região –, em observação empírica e citado por moradores locais, é raro que temas locais tenham espaço no noticiário. Quanto à cobertura telefônica, segundo o Painel Cobertura Móvel, da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), a cidade de Alfredo Chaves possui cobertura de sinal de três operadoras de telefonia: Claro, Tim e Vivo (ANATEL, 2021), o que abre horizontes para a internet.

b) Análise do grupo focal

O grupo focal foi realizado com oito pessoas, conforme aponta Costa (2018), como o número mínimo ideal de participantes, abrangendo a faixa etária de 18 a 35 anos, com participação de moradores que vivem no centro da cidade e no interior. O encontro foi realizado por meio da plataforma Zoom, no dia 10 de julho, com 58 minutos de duração. De maneira geral, os moradores afirmam acreditar que não vale a pena um veículo de comunicação local se estabelecer na cidade, tanto financeiramente, quanto por “não acontecer nada”. O bate papo nas ruas, os carros de som com notícias e propagandas, o site e aplicativo *Aki Acontece* e as redes sociais digitais são as formas citadas pelos participantes para obter informação.

O site da Prefeitura de Alfredo Chaves é mencionado como outro canal bastante utilizado pelos jovens na busca de informações de credibilidade. Alguns participantes problematizam o fato de ter as mídias criadas pela prefeitura (sites e perfis em redes digitais) como únicas fontes de informação oficial sobre as decisões estatais, pois correm o risco de terem informações ocultadas por não serem benéficas à administração municipal.

Eu acredito que o problema é que você acaba não vendo o lado negativo do que está acontecendo no governo, no caso aqui na prefeitura. Porque eles só noticiam as ações deles, você não consegue saber por exemplo uma estrada que está ruim, não tem um jornal que vai notificar isso e que é uma demanda da população. Aqui é muito comum discussões no Facebook. Recentemente, teve uma nova sinalização aqui em Alfredo Chaves. Não acompanho o Facebook, mas minha mãe comentou que estava uma discussão lá, da oposição comentando sobre isso - Mulher de 18 anos

Meios de comunicação mais antigos, como carros de som, são mencionados como alternativas ainda usadas para fazer a comunicação acontecer nas cidades do interior do Espírito Santo. Muitas recorreram a esse meio para informar sobre as medidas sanitárias relacionadas à pandemia de coronavírus, por iniciativa principalmente das prefeituras. Além deles, o contato direto interpessoal, nos espaços de maior concentração de pessoas, como no comércio, nas

atividades religiosas ou em encontros de amigos.

As pessoas do interior descem e, quando sobem, sobem com as notícias (partes do interior de Alfredo Chaves são localizadas no alto da cidade, já o centro, embaixo) – Mulher de 35 anos

A igreja aos domingos é bem utilizado (para ficar por dentro das notícias) - Mulher de 29 anos

No meu bairro eles costumam sentar na calçada mesmo – Mulher de 31 anos

Usa também (o carro de som pela prefeitura). Na verdade, não é nem carro, é moto de som (risos). Para campanha de vacinação, né, pessoal. Campanha antirrábica, usa o carro, a rádio, os sites – Homem de 31 anos

Toda a orientação durante a pandemia. Para não descartar máscara no meio da rua, todo lugar adequado. Todos os cuidados que a gente deve ter, distanciamento, foi usado bastante (o carro de som) – Mulher de 35 anos

A situação no interior da cidade, como no montanhoso distrito do Quinto Território, distante 14 km do centro, se complica especialmente no cenário de pandemia. A internet é por rádio e o carro de som da prefeitura não passa, segundo moradores. Os que vivem principalmente em regiões mais afastadas, apontam encontrar dificuldades em saber notícias da cidade, se não forem ao centro.

Interior não tem nada. Mal carro que coleta o lixo. Nós estamos meio esquecidos aqui no interior (risos). Mas como eu trabalho no centro, então via muito essa divulgação – Mulher de 35 anos

Em épocas de eleições, a obtenção de informações combina situações presenciais e mediadas, pois os próprios candidatos usam as redes para angariar votos, além do contato direto com os eleitores. São momentos em que se observa uma intensificação da comunicação local.

Geralmente, também fazem comícios, quando está nessa época de eleição. É bem comum e as redes sociais ficam cheias de informações. Tanto de um lado, quanto de outro – Mulher de 29 anos

Os usuários, as pessoas, se encarregam de fazer essa parte de divulgação (risos). Começa o bate papo, a discussão, que acaba já fazendo o papel do jornalismo – Mulher de 35 anos.

Sabemos que na situação de hiperinformação que vivemos, a ocorrência de informações de diversos tipos, confiáveis ou não, inundam a sociedade, em especial por meio das redes sociais. Para validar as informações que recebem, segundo o grupo, o recurso é o “famoso boca a boca”, que tem sido realizado pessoalmente ou por meio do aplicativo de mensagens instantâneas, como o *WhatsApp*, perguntam a grupos nas redes sociais digitais, a amigos, familiares, conhecidos, se eles têm conhecimento dos fatos que surgem. Para alguns moradores, as redes sociais suprem o papel do jornalismo, no sentido da informação circular, e acabam sabendo mesmo com ou sem um veículo de comunicação na cidade.

Eu acho que as redes sociais conseguem suprir todas as informações que a gente

precisa, só que eu também acho que não ter um meio imparcial para dizer o que é fato, o que é *fake news*, o que é verdade ou não é, interfere muito na decisão do povo – Homem de 21 anos

Percebe-se que no interior alfrendense os espaços públicos ainda são bastante utilizados para a notícia circular na cidade, e que sobretudo as redes sociais e o *WhatsApp* vieram para facilitar a comunicação. Os participantes do grupo, além de serem consumidores de informação local nas redes, também são produtores dela, em maior ou menor escala, conforme visto. O que se enquadra na nova esfera conversacional, onde o diálogo predomina e a emissão de informação não é controlada por mediadores, como no jornalismo.

Outro ponto observado é que por estarem, há anos, nos chamados “desertos de notícia”, sem veículo jornalístico local, o discurso de que vivem bem sem eles ou de que as redes suprem tudo foi bastante presente no grupo. A ausência de atividades jornalísticas deixa a percepção de que o jornalismo profissional local é desnecessário para a comunidade. Para os entrevistados, os fatos, sejam eles de grandes ou pequenas dimensões, continuam a acontecer e, de alguma forma, os moradores tomam conhecimento do ocorrido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo da pesquisa, que consistia em compreender e mapear de que formas os moradores da cidade de Alfredo Chaves se comunicam, conseguimos compreender o cenário midiático na cidade e os hábitos de produção e consumo de informação. Durante o grupo focal e a pesquisa documental, foi identificada também a presença de novas esferas, como o site e aplicativo *Aki Acontece*, que, embora não tenha caráter jornalístico, foi com frequência citado pelos analisados. Os canais da prefeitura – não apenas o site, mas principalmente as redes sociais –, como esperado, também são consultados como fonte confiável e por vezes posto como inquestionável. Os contatos interpessoais nos espaços públicos de convivência, algo que não tínhamos certeza ainda da força, mesmo com todo o avanço da internet e das redes sociais, ainda se colocam como alternativas bastante utilizados pelos moradores. Muito se discorre sobre como as pessoas estão conectadas umas com as outras via internet e sobre como o acesso foi facilitado. Contudo, em distritos mais afastados do centro de Alfredo Chaves, há carências informacionais que não são supridas nem pelo poder público em situações emergenciais como a da pandemia, e de infraestrutura ineficiente de telefonia universalizada.

Observou-se que, embora se tenha a visão de que todos têm acesso, a realidade nessas regiões pode ser um tanto quanto diferente. Mas as notícias continuam e a comunicação entre os moradores acompanha o ritmo, já que vivem há anos neste cenário “desértico”. As mídias sociais digitais constituem-se importantes instrumentos na cidade, e auxiliam na luta pelo direito à comunicação e criação de novas esferas. Já o direito à informação ainda assim se torna dificultado em alguns territórios, como nos distritos mais afastados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. *Painel Cobertura Móvel*. Disponível em: <https://informacoes.anatel.gov.br/paineis/infraestrutura/areas-cobertas>. Acesso em 23 de julho de 2021.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo Focal. In: BARROS, A; DUARTE, J (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2005

INCAPER (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural). Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural – Alfredo Chaves, 2020. Disponível em: https://incaper.es.gov.br/media/incaper/proater/municipios/Alfredo_Chaves.pdf.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa). **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/es/alfredo-chaves.html>. Acesso em 23 de julho de 2021.

PAIVA, R; CARMELINI, L. **Circulação e cidadania: modos de comunicar na cidade** – Revista RECIIS. Jul-set. 2019 – Rio de Janeiro – Brasil. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1675/2301>. Acesso em 11 de agosto de 2021.

PESSALI, Hesio. **Alfredo Chaves – Uma visão histórica e política**. 2.ed. Alfredo Chaves: Câmara Municipal de Alfredo Chaves, 2015.

PROJOR (Instituto para Desenvolvimento do Jornalismo). **Atlas da Notícia** [on-line]. São Paulo: 2019. Disponível em < www.atlas.jor.br >. Acesso: 4 de novembro de 2021.

RAFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993

REIS. **Lutas sociais pela democratização da comunicação e comunicação pública**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2926-1.pdf>

SOARES, M. **Os direitos da esfera pública mediática**. 1. ed. São Paulo: Editora : UNESP, 2011